

PANDEMIA: LUTA ENTRE DOIS IMAGINÁRIOS

PANDEMIC: STRUGGLE BETWEEN TWO IMAGINARIES

Teresa Cristina CARRETEIRO¹

Recebido em: 18/06/2020

Aceito em: 04/06/2020

RESUMO

Analisa-se neste texto aspectos da sociedade atual e seus efeitos na situação pandêmica, enfocando-se dois imaginários, o da suficiência e o do cuidado.

Palavras-chave: Imaginário. Pandemia. Sociabilidades.

ABSTRACT

In this paper, aspects of the current society and their effects on the pandemic situation are analyzed, focusing on two imaginaries, the sufficiency and the care.

Keywords: Imaginary. Pandemic. Sociabilities.

A recente situação pandêmica que invadiu nosso planeta nos trouxe, em um período curto de tempo, mudanças que, anteriormente, só eram imaginadas em filmes de ficção, e, esses, tínhamos o direito de escolher assistir ou não.

A pandemia está sendo um acontecimento que tem força de ruptura e invade todo o mundo, remodelando as estruturas sociais, as instituições, a organização da vida das pessoas, das famílias, das estruturas econômicas, comerciais, financeiras, enfim, nada lhe escapa. Tudo é atingido por um inimigo invisível, o COVID-19. Em um período muito breve as formas de sociabilidade e o estar juntos são transformadas. Para as pessoas que podem seguir as orientações da OMS e respeitar o isolamento, ou o distanciamento espacial, a sociabilidade passa a ser intermediada, primordialmente, pela comunicação virtual ou pela distância de segurança entre as pessoas. Outras pessoas, devido às difíceis condições sociais e econômicas,

¹ Doutora em Psicologia Social Clínica, Paris VII, Pós doutorado em Sociologia Clínica, Paris VII. Professora titular do Programa de pós graduação de Psicologia, Universidade Federal Fluminense. Membro do Cirfip (Centro Internacional de Pesquisa, Intervenção e Formação em Psicossociologia).

são privadas ou têm pouco acesso ao mundo virtual. Essas fazem parte das populações ditas vulneráveis. Muitos grupos conscientes da situação atual vivem grande angústia pela impossibilidade de se protegerem. Há os que sabem ponderar a fé religiosa e a ciência. Outros, recorrem de modo cego à suposta proteção do mundo religioso. Esses se somam àqueles que negam a gravidade da situação pandêmica que vivemos, são reforçados por certos meios políticos nos quais o discurso de uma verdade sem fissuras pode ter grande alcance. Vale refletir sobre tal negação.

O imaginário da suficiência é calcado no excesso de racionalidade, até pouco tempo ele era prevalente no mundo. Assim, qualquer mínimo aspecto da realidade poderia ser submetido ao controle. O desejo de onipotência parecia reinar. Alguns homens podiam viver a ilusão de serem grandes homens. No entanto, outros lutavam para não serem descartados, outros para serem minimamente reconhecidos.

O imaginário da suficiência, banhado e reforçado pelo cenário neoliberal para se fortalecer, necessita forjar sujeitos ditos fortes, capazes, flexíveis, aptos para se superarem continuamente (EHRENBERG, 2000). Neste cenário, o endeusamento da economia, do sujeito empreendedor de si mesmo e dos valores advindos do mercado financeiro, como velocidade, risco e visibilidade são muito valorizados. Este contexto produz sujeitos considerados como pequenos heróis, porque conseguiram mínimos feitos, considerados como atos heroicos. Quanto mais as pequenas banalidades são visíveis, mais as pessoas podem ser valorizadas e se deixar invadir pela ideia de heroísmo. Por outro lado, para muitas pessoas, na sombra do excesso de suficiência estão os sentimentos de medo, de finitude, as incertezas.... estes vividos nas zonas de sombra dos sujeitos.

A pandemia abala, de modo muito rápido, os alicerces do imaginário da suficiência. O COVID-19 é invisível, não estamos podendo controlá-lo, paralisá-lo, domá-lo. De forma invisível ele tem se alastrado rapidamente por todo o planeta. Se antes parecia haver um controle da vida, agora, o que resta é buscar evitar a contaminação e a morte. A mortalidade pode abraçar e tem abraçado grande número de pessoas de modo muito rápido. Todos estamos expostos, principalmente os mais vulneráveis. No entanto, os que se julgam heróis e os que se agrupam em torno deles, se sentem imunizados, protegidos.

A definição de sociedade tem se modificado, se seguirmos B. Latour (2020) não é mais a dos humanos entre eles, mas ela inclui também a associação entre vários atores onde alguns não tem forma humana, como os vírus e a internet. A velocidade contínua na propagação do vírus, desta vez, não nos levou a superação, mas ao desconhecimento e a surpresa. Enfim, existem grandes cenários de indefinição social.

Face a esta realidade tão desconcertante surgem movimentos sociais e propostas políticas que buscam negar o imponderado da situação. Eles se apegam, com toda força, à radicalização do imaginário da suficiência, onde economia e controle funcionam de modo homogêneo, quase sem fissuras. Certos discursos políticos, minimizando a pandemia, germinam a cada dia e atingem muitos seguidores. A bandeira defendida é que a vida econômica deve ser retomada rapidamente. Vida e economia parecem entidades opostas. No entanto, a pandemia existe, ela esgarça a morte, a finitude, as condições indignas de morrer e a ausência dos rituais de despedida.

Os grupos que continuam negando ou minimizam a realidade pandêmica são movidos pela extrema radicalização do imaginário da suficiência. Eles querem ser heroicos e recusam pensar que os acontecimentos pandêmicos estejam criando uma zona de inflexão no mundo. O heroísmo que lhes nutre semeia a banalidade da morte. Quem morre não é um semelhante, mas aqueles que lhes impedem a continuar desenvolvendo seus projetos e a vida que tinham

anteriormente. Os mortos tornam-se inimigos, e são contabilizados como números (quando não são subnotificados).

O imaginário do cuidado se opõe ao da suficiência. O cuidado é uma noção cara para a filosofia, (FOUCAULT, 2002; HEIDEGGER, 1988) e para a psicanálise (WINICOTT, 1958), e tem sido analisada e trabalhada na saúde mental e na saúde coletiva, pautando muito de suas ações (SÁ, M. de C. *et al.* 2019), enfim, ela está presente em diversos campos do saber. Cuidar requer uma atenção a si e ao outro, respeitando sua liberdade e diversidade. Requer atentar na vida e preservá-la. Na crise pandêmica atual a ideia de cuidado surge de forma muito veemente. “Cuide-se” parece ser um imperativo, empregado consigo próprio e com os outros. O cuidado passa a ocupar os discursos e as ações em vários contextos sociais, institucionais, nacionais e internacionais. Médicos, epidemiologistas, cientistas ao aconselharem o confinamento ou alguns fechamentos totais de circulação estão usando seus conhecimentos científicos para propor às autoridades políticas atenção à população. Estas recomendações são baseadas na capacidade dos sistemas de saúde (sem entrar no mérito de seu desgaste ao longo dos anos), nas condições mínimas de continuarem atendendo pacientes, ter leitos e vagas na UTI objetivando não entrarem em colapso. O confinamento busca preservar a vida.

Nas últimas décadas nunca se ouviu tantas orientações médicas referentes ao cuidado pessoal e higiênico de populações face a força do COVID-19. O excesso de orientações mesmo que, as vezes, promova rituais quase-obsessivos (lavagens, banhos, uso de sabão para lavar a si próprio e aos objetos, uso de máscaras, distância entre as pessoas) para manutenção de ações preventivas, tem o cuidado no horizonte. Este conjunto de indicações é cumprido somente por uma parte das populações, aquelas que podem ficar em casa e seguir tais indicações. A crise não permite negar as condições de vida e a enorme desigualdade social existente no país: de um lado os malabaristas da sobrevivência, a esses o cuidado de si é interdito; de outro, os que podem se cuidar, e exercer os meios de prevenção (mesmo que socialmente estejam incluídas aqui realidades econômicas e financeiras muito distintas); e, por fim, os que trabalham e se expõem para que todos os outros fiquem em casa.

O cuidar de si e do outro tem pautado as ações de muitos grupos e instituições. Para muitos há ambivalências em pensar no outro, pois ele pode ser um emissário do vírus, então torna-se somente um perigo. Mas o grande desafio é pensar que todos podemos contaminar e sermos contaminados. Todos somos perigo. Como poder cuidar de si e do outro no meio do contágio. Há os que estão tomados totalmente pelo medo. Talvez lhes seja difícil refletir sobre o desamparo que vivem enquanto cidadãos e amplificam o autocuidado como forma de suprir a escassez de cuidado do Estado. Há outros, que mesmo temendo o vírus, não se afastam da atividade reflexiva para pensar o cotidiano da pandemia. Então, suas ações podem ter vários derivativos, acolhendo o outro sem rejeitá-lo.

A solidariedade compõe o imaginário do cuidado, sendo também um dos componentes da democracia, qual seja, a fraternidade. Ela implica poder se solidarizar com o outro, com sua dor, seu sofrimento e também com sua alegria (sentimento tão ausente nos dias atuais). A solidariedade se fortalece nos tempos presentes. Ações solidárias têm ocorrido em todos os estratos sociais. A solidariedade amplifica o cuidado, cuidar de si é também cuidar do seu próprio corpo, a solidariedade projeta o cuidado para o corpo social.

Para onde caminhamos no futuro, não sabemos. Talvez os próximos tempos sejam feitos de embates entre os desdobramentos dos dois imaginários, o do cuidado e o da suficiência. Entre a promoção da humanidade e o desprezo pela categoria de humano na sua radicalidade. Esta crise está evidenciando a presença de sentimentos que estavam escondidos, que pertenciam ao rol de sentimentos que deveriam ser abafados ou medicalizados, o desprezo, a humilhação, o medo. A crise permitiu, na dimensão social, que eles fossem visibilizados e não escondidos. A

crise também permitiu que a política, não só a das relações humanas, pudesse ser mais discutida. Cada cidadão pode perceber como as escolhas políticas do Estado interferem em suas vidas. A crise também permitiu ver como cada um é afetado ao ser visto unicamente como um número ou como um sujeito de direito, como um sujeito podendo ser cuidado ou como um sujeito unicamente devendo servir ao capital. Talvez, sejam estas as questões que se descortinarão com força no período pós pandemia. Negar a importância da vida, e banalizar a morte, significa semear a desumanização.

Apostar na vida de todo e qualquer cidadão requer apostar no imaginário do cuidado, poder pensar que outras formas de sociedade talvez possam ser possíveis. O imaginário do cuidado nunca poderá ser o único, mas deve estar presente.

A coragem em viver neste período do entre, o momento atual, com o que estamos aprendemos, com potências e limitações, com angústias e desejo de continuar poderá nos ajudar enquanto sujeitos sociais a forjar outros imaginários. Poderá também nos fortalecer ou enfraquecer para enfrentar o mundo pós pandêmico.

REFERÊNCIAS

SÁ, M. de C.; MIRANDA, L.; DINIZ, D. S.; SAVI, E. S. A.; TEIXEIRA, E. S.; FONSECA, M. L. G. **Oficinas Clínicas do cuidado: efeitos da narratividade sobre o trabalho de saúde**. 1 ed. Rio De Janeiro: Editora Fiocruz, 2019.

EHRENBERG, A. **La Fatigue d'être soi**. Paris: Odile Jacob, 2000.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

LATOUR, B. Bruno Latour: « La crise sanitaire incite a se préparer a la mutation climatique ». **LE MONDE**, Paris, 25 de mar. de 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/03/25/la-crise-sanitaire-incite-a-se-preparer-a-la-mutation-climatique_6034312_3232.html. Acesso em: 29 mai. 2020.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução Márcia de Sá Cavalcanti. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

WINNICOTT, D. W. (1958). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. *In*: _____, **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.